
Porto.
ADORO-TE FILIPE
BIANCA

1833 - 1983

C8-5-10

EX-LIBRIS
N.º geral 8
Colocação C. 5. 10
Mod. C.M.P. 5-40—30.000 ex.—3-52—T. A.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO
23 AGO 1963

BREVE HISTÓRIA DA LITOGRAFIA

SUA INTRODUÇÃO
E PRIMEIROS PASSOS
EM PORTUGAL

C.D.U. 655.34 (469) (091)

RENATO DA SILVA GRAÇA
DO NÚCLEO AMIGOS DAS ARTES GRÁFICAS

C.8-5-10

BREVE HISTÓRIA DA LITOGRAFIA

SUA INTRODUÇÃO E PRIMEIROS PASSOS EM PORTUGAL

COM UMA CARTA-PREFÁCIO DE DIOGO DE MACEDO

Para esta edição, fora do mercado, imprimiram-se 500 ex. destinados a ofertas, sendo todos numerados e rubricados pelo autor e editor.

N.º 488

A «LITOGRAFIA DE PORTUGAL» E OS SEUS 75 ANOS DE VIDA

1893 • 1968

NOTA PRÉVIA

O presente estudo editado agora, e com ligeiras alterações, foi publicado, há anos, no mensário «O GRÁFICO», órgão do Sindicato Nacional dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos do Distrito de Lisboa.

Devido à sua boa aceitação e atendendo a vários pedidos de sócios daquele organismo, pensou o mesmo editá-lo em volume, dando assim satisfação a esses desejos que não chegaram a concretizar-se devido a razões estranhas à sua boa vontade para que tal publicação viesse a lume.

Na altura, e a pedido nosso, o grande escultor, crítico, saudoso e querido Amigo Diogo de Macedo anuiu em escrever o prefácio de abertura para aquela edição. Aproveitando esta oportunidade, embora tardia, não quizemos deixar de o inserir no local para onde foi propositadamente escrito, valorizando deste modo a nossa modesta contribuição para um melhor conhecimento da História de um dos principais ramos das Artes Gráficas e que tão grande importância tem no mundo de hoje.

No final, e prestando homenagem a uma empresa que tanto tem prestigiado a indústria litográfica no nosso país, incluímos algumas notas, embora breves, da história da Litografia de Por-

tugal que, neste momento, festejando o seu 75.º aniversário tomou gentilmente a seu cargo a edição deste trabalho.

No dia em que se fizer, com profundidade, uma História da Litografia em Portugal, não se poderá deixar de, com justiça, mencionar aquela empresa como uma das principais molas impulsionadoras do progresso e do prestígio que elevaram as Artes Gráficas à altura onde hoje se situam e as tornaram na grande força da hora presente.

Estas seriam, se outras não houvesse de sobra, razões a justificar as notas merecidas que escrevemos, embora elas estejam ainda longe de serem aquelas a que a Litografia de Portugal tem legítimo direito.

CARTA-PREFÁCIO

Meu caro Artista e Amigo:

Não tendo categoria nem autoridade para a tarefa que me impõe nem sequer aquele abusivo direito que a idade dá a certos prefaciadores de livros; mas minguando-me também a coragem para me esquivar à honra que me quere dar, encontro como pretexto para ela a sincera admiração pelo seu trabalho e pela novidade técnica que com ele trouxe à arte da litografia.

Porque razão me escolheu para prefaciar o seu trabalho? Pela amizade que nos liga? A essa já eu devo o favor da oferta do retrato de Soares dos Reis[1] *e das provas das suas* neolitogravuras *que, sendo um autêntico «ovo de Colombo» o certo é que o descobriu e, assim, a* neolitogravura *é de sua total invenção.*

Sendo o seu processo o inverso da água-forte e da litografia, participa dessas artes e serve-se das mesmas técnicas para um resultado muito novo e original, que os antigos métodos da gravura em madeira iniciaram com sabores e fins diferentes daqueles que a sua sensibilidade artística e os seus conhecimentos profissionais, arrancaram de tal invenção.

Como poderei agradecer tantos favores? Eu nem sequer professo qualquer arte das que tenham parentesco com a sua. Nem sequer, como tantos artistas do meu tempo, sou ilustrador. É certo que em tempos fiz umas experiências de gravura em ponta-seca, água-forte e madeira, mas isso fi-lo como simples amador. Também em rapaz experimentei a litografia. De nada tenho sequer lembranças, porque foram rapaziadas.

Mas seja como for, não me escuso à honra da sua amizade. E assim, aqui vão estas meia dúzia de linhas para a sua obra. Desculpe a pobreza delas e o género de carta que lhes dei. Deus queira que não lhe desagradem. No entanto, se entender recusá-las, faça-o sem ceri-

---

(1)—Publicado na sua obra «Soares dos Reis» pertencente à Colecção de Cultura Artística—Edições Lopes da Silva—Porto, 1945.

mónias. Para a minha vaidade — que não é grande — bastou-me o ter-se lembrado de mim.

Felicito-o sinceramente pelo seu estudo sobre a litografia que acho de grande utilidade. Tenho aqui ao lado da mesa onde escrevo, uma litografia muito perfeita, de Manuel Maria Bordalo Pinheiro, executada na Litografia M. L. da Costa, Rua Nova dos Mártires, 12 — Lisboa, e outra de Augusto Guglielmi, da mesma Litografia, dirigida por Manuel Luís. Ambas reproduzem quadros do Museu da Academia, que é hoje o das Janelas Verdes.

Pelo seu estudo vejo que este Luís é o mesmo Costa. No entanto nas litografias a negro que possuo, o seu nome não aparece igual. Só por curiosidade aqui menciono estas coisas e porque um mero acaso as colocou na parede do quarto onde lhe escrevo.

Que grande trabalho será o seu, neste campo da investigação para não esquecer o principal!

Felicito-o por este esforço e pelo bem que traz à História das Artes entre nós com os seus subsídios.

Ao ler a sua História da Litografia, feita com tanta consciência e probidade de investigação, que estas linhas, por sua generosidade antecedem, eu fico descansado e contente, na certeza de que o seu trabalho não se perderá e terá a expansão que merece. Por mais este motivo moral, que é importantíssimo na admiração que se deve ter pelos Artistas, o felicito e abraço.

Lisboa, 31-5-43.

Diogo de Macedo

ALOÍSIO SENEFELDER
E A INVENÇÃO DA LITOGRAFIA

ALOÍSIO SENEFELDER nasceu em Praga, na Checoslováquia, no dia 6 de Novembro de 1771. Bastante novo, aos 15 anos, seus pais mandaram-no para a Universidade de Ingolstadt, na Alta Baviera, para se formar em Direito porque o seu progenitor, artista dramático da corte, em Munique, não poderia admitir de maneira alguma que seus filhos seguissem a carreira teatral, de mais a mais tendo Aloísio uma tendência muito especial para esta Arte. Tanto assim que logo após a morte de seu pai, podendo à vontade então escolher livremente qual a carreira que mais lhe agradasse, não tem indecisões. Senefelder renuncia aos seus estudos para o curso de Direito e dedica-se com grande entusiasmo à composição dramática o que, aliás, já tinha experimentado durante os estudos universitários.

O sucesso conquistado inicialmente com uma pequena peça sem pretensões, intitulada «O entendido em mulheres» e na qual ele próprio tem um papel, faz-lhe pensar que a boa fortuna o acompanhará sempre nesta carreira e, a partir daqui, Aloísio foi simultâneamente autor e actor.

Não conseguindo, como julgava fácil, penetrar no teatro da corte em Munique, resolve percorrer com uma companhia de comediantes, diversas cidades da Alemanha, tendo representado com mais ou menos agrado em Nuremberga, Ratisbona, Bamberga, Augsburgo, etc.

Em vez da glória a que aspirava, Senefelder só co-

lheu, na vida que havia escolhido livremente, desgostos e, até, privações de toda a espécie. Desiludido, resolve então dedicar-se exclusivamente à literatura.

Para se tornar popular procura com afinco quem lhe queira publicar algumas das suas peças que representou. Porém, naquele tempo, como aliás em todas as épocas, um desconhecido só depara com dificuldades, especialmente quando não se é apadrinhado por alguém influente e, sobretudo, quando se é pobre como ele o era.

Espírito combativo, forte e persistente, não perde o ânimo e, por fim, vê coroado de relativo êxito o seu desejo de vencer, encontrando um livreiro pronto a pagar algumas das suas obras desde que elas lhe fossem entregues em curtos prazos prèviamente determinados.

Para evitar demoras e abreviar, tanto quanto possível, a respectiva impressão, Senefelder instalou-se numa tipografia da cidade durante dias inteiros, chegando mesmo, ele próprio, a compor os seus livros. Não obstante toda esta incessante actividade não consegue dar o trabalho por concluído dentro do prazo combinado, perdendo, por esta razão, todo o fruto do seu esforço, das suas noites em claro e dos seus cuidados, pois o que recebeu do editor não chegou sequer para cobrir as despesas.

«Se, depois desta decepção, eu tivesse um pequeno prelo — dizia ele mais tarde — nunca estaria sujeito a atrazos, nem a gastos que o meu magro bolso não suportava; contaria só comigo e tenho a convicção de que talvez, com menor esforço e menos dispêndio, conseguisse chegar ao que pretendia».

Este motivo foi, para ele, um raio de luz e, apesar de saber que entre a ideia e a realização existe um abismo difícil de transpor, Senefelder não perdeu a coragem e encontrou, nas dificuldades, um estímulo, criando em si uma vontade imensa de vencer.

Eram pràticamente nulas as suas fontes pecuniárias

e esta circunstância, desastrosa noutro caso, foi de certeza uma das principais causas da descoberta da litografia.

Com efeito, se Senefelder vivesse sem dificuldades económicas, se tivesse dinheiro suficiente para adquirir um prelo e algumas colecções de caracteres tipográficos, teria, como seria óbvio neste caso, reproduzido as suas obras utilizando naturalmente os meios correntes da estampagem tipográfica usados naquela época.

As primeiras tentativas feitas para conseguir um processo mais barato de impressão, consistiram em marcar numa matéria pastosa, mole mas consistente, diversas palavras e desenhos lineares servindo-se, para o efeito, de caracteres tipográficos. Em seguida, desta matriz tirava um positivo utilizando, para tal, o simples lacre. Esta chapa, porém, tinha o grande inconveniente de se quebrar ao menor descuido ou pressão.

Pouco depois resolve abandonar este processo de resultados pouco satisfatórios e exercita-se na gravura sobre chapa de cobre que era, prèviamente, coberta com um verniz de gravador. Porém, as dificuldades persistiam e depressa reconheceu que, por este sistema, jamais chegaria a conseguir os seus intentos. Pensou então em substituir definitivamente a referida chapa por uma outra matéria.

Foi nesta altura que começou a usar chapas de estanho sobre as quais gravava pacientemente, mas o ácido por ele utilizado não tinha acção suficiente naquele metal. Por outro lado, as frequentes limpezas que era obrigado a fazer, consumiam ràpidamente a pedra-pomes empregada nesse trabalho e, sendo tal o estado de carência de meios do artista, até esta despesa lhe era demasiadamente onerosa.

Num destes momentos de cruel penúria vem-lhe à memória ter visto, em Solenhofen, na Baviera, junto ao rio Isar, umas pedras bastante claras que talvez pudes-

sem substituir a pedra-pomes. Consegue algumas e, ao utilizá-las, nota que lhe servem maravilhosamente. Eram uns fragmentos de pedras de Kehlheim, muito brancas, sem relevos, planas e extremamente calcárias.

A sua brancura natural, a face lisa e brilhante que adquiriam ao polir as chapas com que trabalhava, sugeriu-lhe a possibilidade de poder usá-las nas suas experiências de desenho e gravura sem prever então na viabilidade de, também no futuro, poder empregá-las para a própria impressão.

Algum tempo depois estas pedras tomaram, definitivamente, o lugar antes ocupado pelas chapas de metal. Senefelder foi, deste modo, levado à invenção da arte maravilhosa de que nos estamos ocupando e a qual, mais tarde, veio substituir os sistemas de reprodução que, antes da sua descoberta, só era possível graças à gravura em metal ou em madeira.

O artista compôs um verniz de gravador tendo a cera, o sabão e a águarrás como base; estendia esta composição sobre a pedra polida como se ela fosse uma chapa de cobre; depois gravava, dando-lhe logo após um banho de água-forte, em seguida tirava as provas numa velha prensa, utilizando para tal, uma tinta com certa mistura de óleo de linhaça, negro de Francforte (negro-de-resina) e uma pequena parte de creme da Tartária. Por fim, limpava-a cuidadosamente com água alcalinada pela potassa e por reduzida quantidade de sal de cozinha.

As provas tiradas deste modo não lhe agradavam ainda, já pela contingência dos processos empregados, já pela inabilidade do impressor e da sua pouca prática mas, e sobretudo, devido à excessiva porosidade daquelas pedras de Kehlheim que, mal e rudimentarmente polidas, sujavam-se e engorduravam-se na atintagem.

Foi este o período inicial da litografia ou, para melhor dizer, da impressão litográfica que vai de 1791

a 1796, espaço de tempo este durante o qual Senefelder se mortifica em ensaios mais ou menos improdutivos, mas que não lhe abalaram o ânimo, nem sequer o desesperaram apesar de ter como únicas companhias as constantes privações e uma força de vontade a estimular-lhe aquele extraordinário entusiasmo que nunca o abandonou.

Finalmente — em Julho de 1796 — sua mãe pede-lhe para tomar apontamento da roupa a entregar à lavadeira. Na sua desordem de artista com tão variadas preocupações não encontra, à mão, qualquer pedaço de papel onde pudesse apontar a referida nota. Tendo ao seu alcance uma das pedras polidas que utilizava nas suas experiências, não hesitou, e foi numa delas que escreveu a relação da roupa de sua mãe, empregando para tal o verniz que tinha inventado tencionando, mais tarde, passá-la ao papel logo lhe fosse possível.

Para um homem como Senefelder, inteligente, espírito curioso para quem a menor circunstância era motivo de aturada observação, em lugar de fazer desaparecer o que havia escrito na pedra quiz, em primeiro lugar, saber o que sucederia àqueles apontamentos sob a acção activa do ácido e sob o tampão enegrecido pela tinta de imprensa.

Deste memorável dia em diante a litografia estava inventada e Senefelder abandona um pouco a impressão puramente química (Chemische-Steindruckerei).

Com Gleissner a litografia passa do estado experimental para o de aplicação efectiva. O inventor e o seu sócio começaram por imprimir músicas, utilizando umas prensas construídas grosseiramente; bocados quadrados de chapa, cobertos de pano sob a forma de tampão, serviam para a atintagem e ficamos hoje espantados ao ver tão rudimentar e imperfeita aparelhagem conseguir obter

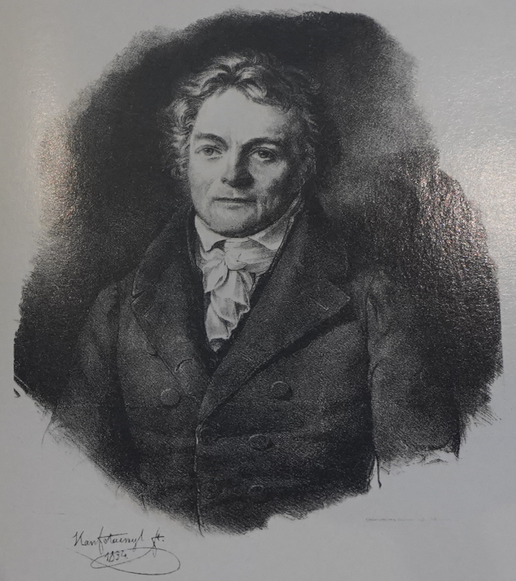
provas puras e fazer uma tiragem em condições satisfatórias.

Ainda actualmente podemos admirar a maioria dos seus primeiros ensaios, em provas litográficas que se guardam como preciosidades na Biblioteca de Munique. É religiosamente que olhamos para elas, rendidos ao génio do seu inventor.

Até hoje, ninguém ousou contestar a paternidade da descoberta da litografia a Aloísio Senefelder que, cego, e pobre como sempre vivera, veio a morrer, esquecido, num quarto duma pensão de Munique em 26 de Fevereiro de 1834, com 62 anos de idade.

Foi neste mesmo ano e nesta capital bávara que, do natural, Franz Hanfstalngl lhe desenha, a lápis litográfico o belo retrato que reproduzimos neste trabalho e que tão bem conhecido é de todos os litógrafos e amadores das artes gráficas.

Antes de Senefelder, ninguém havia sonhado sequer com a vantagem que, para a grafia, se poderia tirar das pedras calcárias, dos corpos gordos, da combinação dos ácidos, da goma-arábica, da água e das suas reacções químicas e que, deste conjunto se conseguissem resultados de tal modo extraordinários, que são hoje uma fonte inesgotável de prosperidade para a indústria e até para o bom entendimento entre os homens.



ALOÍSIO SENEFELDER
(1771 - 1834)
INVENTOR DA LITOGRAFIA

Retrato executado no ano da sua morte
e litografado em pedra granida por
FRANZ HANFSTAENGL — Munique - 1834

C.º 5-10

A INTRODUÇÃO DA LITOGRAFIA EM FRANÇA

FOI entre 1806 e 1808 que a litografia atravessou a fronteira alemã e penetrou em França por intermédio do general Lejeune, coronel Lomet, Vivant Denon e de André Offenbach.

Não foram muito felizes os seus primeiros ensaios e um pouco mais tarde, Charles-Philibert de Lasteyrie, depois de uma viagem pela Alemanha, entusiasmado com o novo processo consegue, em 1814, interessar a corte francesa no assunto, instalando em Paris, na Rua du Bac, a primeira oficina litográfica da França a qual depois serviu de modelo às que se lhe seguiram em rápida expansão.

Em 1818, graças ao dinamismo dos fundadores e ao auxílio do governo francês, a litografia alcançava em breve uma perfeição e um progresso enormes a ponto de podermos colocar aquele país em primeiro lugar, mesmo à frente da Alemanha.

Dentre os franceses merecedores de serem lembrados pelo esforço dado à difusão da litografia, contam-se, além daqueles que acima apontamos como pioneiros: Engelmans, na cidade de Mulhouse; Marcel de Serres, Raucourt Vilain, Legros d'Anizy e o grande Lemercier.

Alguns dos maiores artistas gauleses, apesar da desconfiança inicial — compreensível como coisa nova que era — não deixaram de utilizar o sistema e, entre esses, não podemos omitir Girodet, Fragonard, Carle e Horace

Vernet, Ingres, Prud'Hon, Grós, Gericault, Décamps, Delacroix, Fantin-Latour, Detaille, etc.

Não nos deveremos esquecer, também, de Charlet, o primeiro a empregar, no jornalismo, o processo litográfico.

Caminhando lado a lado com estes Mestres eminentes, talentosos e grandes desenhadores dedicaram-se à nova arte e trabalhos fizeram que são hoje vendidos a peso de oiro e disputados pelos coleccionadores por qualquer preço.

Entre a extensa e magnífica plêiade de artistas-desenhadores citaremos os inolvidáveis Gavarni, Daumier, Gustavo Doré, Grandville e tantos outros que não mencionamos, como talvez devêssemos, afim de evitarmos tornar mais extenso este modesto apontamento de história gráfica.

A INTRODUÇÃO E PRIMEIROS PASSOS DA LITOGRAFIA EM PORTUGAL



D. JOÃO VI
(1767 - 1826)
Em cujo Reinado foi criada, em 1824, a
«OFFICINA REGIA LITHOGRAPHICA»
(Gravura existente nos Reservados e Manuscritos
da Biblioteca Nacional de Lisboa)

SEGUNDO o averiguado por vários críticos de arte e, em especial por Luís Xavier da Costa «a primeira notícia impressa em português, que se encontra sobre litografia, foi publicada em Paris, em Janeiro de 1819, no tomo III dos «Annaes das Sciencias, das artes e das lettras», subscrita por «C. X.», iniciais de Cândido José Xavier. Nesse artigo memorável o referido autor dá a invenção de «Aloys Senefelder» como datando do «primeiro anno do... século (XIX)», faz a sua história e alonga-se na descrição dos respectivos métodos, vantagens e aplicações».

Assim como a mencionada notícia nos chegou impressa de Paris, igualmente dali nos veio a litografia por intermédio de Luís da Silva Mousinho de Albuquerque que na capital francesa estudara o processo como mera curiosidade. Em 1822 aquele estadista envia para o grande pintor e célebre desenhador Domingos António de Sequeira — que na opinião de Raczynski foi «o maior artista português de todos os tempos» — uma prensa, algumas pedras litográficas e diversos apetrechos necessários para os seus futuros trabalhos assim como, também, algumas penas próprias para desenho feitas de molas de relógio as quais, depois, se curvavam no sentido da largura com um martelo de relojoeiro, pondo à prova a inventiva e habilidade do artista que, por falta de peças adequadas tinha, por vezes, de recorrer a adaptações engenhosas de modo a facilitar o seu trabalho.

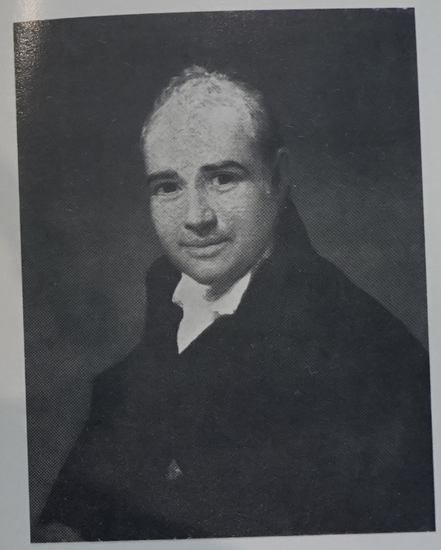
No «Diário do Governo» de 15 de Agosto de 1849, numa local referente ao conselheiro Filipe Ferreira de Araújo e Castro diz-se, nela, ter sido este Ministro de D. João VI o introdutor da litografia em Portugal.

De facto, na sessão das Cortes realizada em 7 de Maio de 1822, o deputado Felgueiras mencionava, entre o expediente recebido, um ofício do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reino, expondo o «proveito e glória que resultaria para a Nação de naturalizar no Reino a arte da litografia». Na sessão de 22 do mês seguinte foi apresentado o parecer da Comissão de Fazenda favorável à citada proposta. Finalmente, em ofício enviado das Cortes em 25 de Junho de 1825 e dirigido a Filipe Ferreira de Araújo e Castro notifica-se a aprovação da mesma proposta do governo relativa ao assunto de que se trata.

Porém, tudo isto não passou de papel escrito e sem quaisquer resultados concretos. Como anteriormente já foi dito, Luís da Silva Mousinho de Albuquerque não só estudou, embora superficialmente, o novo processo litográfico em Paris, como de lá enviou todas as indicações e material preciso para a sua aplicação em bases sérias e definitivas, como atrás ficou dito.

Deverá, portanto, ser este último considerado como o introdutor da litografia em Portugal assim como Sequeira o primeiro que litografou no nosso país.

Este artista, genial desenhador como era, iniciou imediatamente, em Lisboa, as suas tentativas em breve coroadas de certo êxito, apesar de uma técnica a que faltava a experiência indispensável, da imperfeição na estampagem e da relativa carência de efeitos obtidos, consequência das deficiências motivadas pelos defeitos acima referidos. Todavia essas raras provas são consideradas hoje como as maiores preciosidades dos primeiros tempos desta arte em Portugal. Algumas guardam-se, devidamente classificadas, na posse de diversos colec-



DOMINGOS ANTÓNIO DE SEQUEIRA
(1768-1873)
INICIADOR DA LITOGRAFIA EM PORTUGAL
Retrato pintado por
DOMÉNICO PELLEGRINI
(Pertence ao Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa)

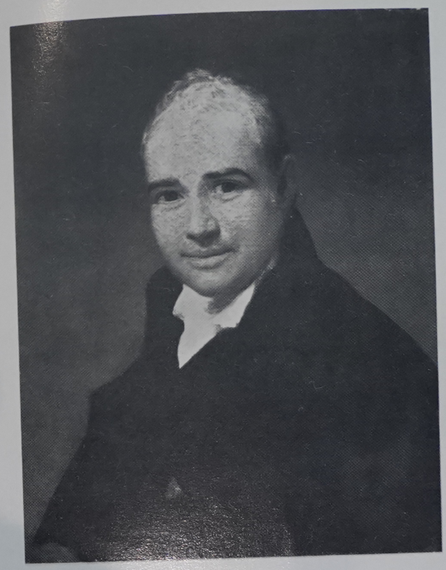
No «Diário do Governo» de 15 de Agosto de 1849, numa local referente ao conselheiro Filipe Ferreira de Araújo e Castro diz-se, nela, ter sido este Ministro de D. João VI o introdutor da litografia em Portugal.

De facto, na sessão das Cortes realizada em 7 de Maio de 1822, o deputado Felgueiras mencionava, entre o expediente recebido, um ofício do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reino, expondo o «proveito e glória que resultaria para a Nação de naturalizar no Reino a arte da litografia». Na sessão de 22 do mês seguinte foi apresentado o parecer da Comissão de Fazenda favorável à citada proposta. Finalmente, em ofício enviado das Cortes em 25 de Junho de 1825 e dirigido a Filipe Ferreira de Araújo e Castro notifica-se a aprovação da mesma proposta do governo relativa ao assunto de que se trata.

Porém, tudo isto não passou de papel escrito e sem quaisquer resultados concretos. Como anteriormente já foi dito, Luís da Silva Mousinho de Albuquerque não só estudou, embora superficialmente, o novo processo litográfico em Paris, como de lá enviou todas as indicações e material preciso para a sua aplicação em bases sérias e definitivas, como atrás ficou dito.

Deverá, portanto, ser este último considerado como o introdutor da litografia em Portugal assim como Sequeira o primeiro que litografou no nosso país.

Este artista, genial desenhador como era, iniciou imediatamente, em Lisboa, as suas tentativas em breve coroadas de certo êxito, apesar de uma técnica a que faltava a experiência indispensável, da imperfeição na estampagem e da relativa carência de efeitos obtidos, consequência das deficiências motivadas pelos defeitos acima referidos. Todavia essas raras provas são consideradas hoje como as maiores preciosidades dos primeiros tempos desta arte em Portugal. Algumas guardam-se, devidamente classificadas, na posse de diversos colec-



DOMINGOS ANTÓNIO DE SEQUEIRA
(1768-1873)
INICIADOR DA LITOGRAFIA EM PORTUGAL
Retrato pintado por
DOMÊNICO PELLEGRINI
(Pertence ao Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa)

cionadores e uma delas acha-se na valiosíssima colecção de desenhos de Sequeira, pertencente ao Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa,

Mas o artista não pensava triunfar de um momento para o outro das dificuldades de um sistema de desenho e impressão até aí desconhecido em Portugal. Com perseverança, vencendo e resolvendo os problemas que se lhe deparavam, trabalha afincadamente até conseguir o êxito que pretendia, especialmente brilhante nos retratos dos irmãos Manuel e Francisco Correia de Figueiredo.

Em 7 de Setembro de 1823 segue para Paris, fugindo a questiúnculas, invejas e artifícios do meio abafado em que se vivia então em Lisboa. Ali frequenta a casa do Barão Gerard e aqui retoma o seu entusiasmo pela litografia.

A morte do seu grande amigo Marquês de Marialva afligiu-o imenso e esta perda, enorme para si, leva-o a desenhar-lhe um seu retrato em litografia, sendo este o seu primeiro trabalho litográfico realizado em Paris onde estavam em moda as estampas de Arte, litografias e gravuras que, pelo seu preço acessível, tinham grande expansão entre os artistas e amadores de arte.

Já com sucesso assegurado, para o que não lhe faltavam os dons necessários para vencer, desenha então vários retratos utilizando o recente processo: *O filho do Conde de Linhares; o filho do Marquês de Marialva; o Núncio em Lisboa, monsenhor Vincenzo Macchi; Joaquim José da Gama Machado,* várias cabeças, um auto retrato, etc.

Acaba porém cedo este entusiasmo pela litografia e, logo que abandona a França, deixa de interessar-se pelo sistema e não lhe conhecemos quaisquer outros trabalhos posteriores à sua saída de Paris.

Em 11 de Setembro de 1824 D. João VI cria, em Lisboa, a «Officina Regia Lithographica» estabelecendo-a «no edifício denominado do Tesouro-Velho» e «no-

meado para seu director João José Le Cocq, com o ordenado de quatrocentos mil réis annuaes» segundo se poderá ler no n.º 68 da *Legislação Portuguesa* (1824).

Num anúncio curioso e de muito interesse divulgado na *Gazeta de Lisboa* vem a indicação de que a «Regia Officina Lithographica», em Setembro de 1827, estava instalada na Rua Augusta, n.º 200, e ali se recebiam assinaturas para quem pretendesse comprar quaisquer desenhos de bordados, cuja colecção fora publicada naquele mesmo mês.

Ainda na mesma *Gazeta* vem publicado em 1830 um outro anúncio bastante gracioso e do seguinte teor: «*Na Rua do Ouro, n.º 184, 1.º andar, do lado esquerdo, na Officina Lithographica se imprime toda a qualidade de retratos, registos, bilhetes de visita, de botica e de enterro, conhecimentos e letras de câmbio, traslados, mappas de todas as qualidades, pautas, cartas, circulares, preços correntes, etc. tudo por preços muito módicos e com toda a perfeição*», (ver: «Arte Portuguesa», dirigida por João Barreira — 4.º vol. «Artes decorativas» — *A Ilustração do Livro*, por Ernesto Soares).

Tem a mesma origem a informação de que em 1831 aquela «Regia Officina Lithographica» havia impresso e editado a sua primeira obra ilustrada à qual Ferreira Lima atribui a autoria ao escultor Assis Rodrigues tendo por extenso título: «*A symetria ou as proporções do corpo humano, medidas sobre as mais belas estatuas da antiguidade; (obra necessária a todos os que estudam a nobre arte do Desenho, Pintura e Escultura). 1.º Caderno que contém dez estampas acha-se à venda na Officina Regia Lithographica, Rua Augusta, n.º 200: Preço 1$440 reis*».

É ainda Xavier da Costa quem informa que a primeira impressão saída daquelas oficinas tinha sido uma estampa *in-fólio*, de que restam 16 exemplares na Biblioteca Nacional de Lisboa intitulada: *Planetário inventado em França pelo P.e Theodoro d'Almeida, e pelo mesmo augmentado em Lisboa, e se mostra na Caza do Espírito Santo da Cong.ma*



ADRIANA LECOUVREUR
(1692-1730)
Retrato da célebre trágica francesa, litografado por
MACPHAIL
Lith. de M. Luiz da Costa R. Nova dos M.tes N.º 12 — Lx.ª

do Orat.ro». «Caetano Desenhou em pedra, em 1824» — *«Officina Regia Lithographica»*. Impressa em papel branco bastante forte, áspero, motivos a traço e ponteado executado à pena representando um aparelho de demonstração astronómica, com desenhos alegóricos e ornatos, etc. O artista firmou o seu trabalho com a assinatura do seu nome: Caetano. Este seria Caetano Aires de Andrade, pintor nas obras do Palácio Real da Ajuda, em Lisboa, e discípulo de Sequeira.

Desta afamada Off. Régia, que durou 12 anos, não queremos deixar ainda de mencionar os dois magníficos retratos, do Padre José Agostinho de Macedo e que «*N. J. Possollo de vivo del. 1828*» e o de Garrett que «*Sendim do vivo del. e lithog.*» (1834).

No V tomo da *Historia dos estabelecimentos scientificos,* de José Silvestre Ribeiro, lê-se que, em 1827, veio contratado para a «Officina Regia», «de uma das mais acreditadas officinas de Paris, um habil impressor» o que, naquele tempo, demonstrava enorme interesse e um grande impulso dado para se alcançar maior perfeição no novo sistema que tanto agrado estava tendo no nosso país, pois havia nele uma quase total carência de artistas gráficos especializados nesse processo revolucionário motivada pelo meio de fraca expansão em que então vivíamos e que era a principal dificuldade ao desenvolvimento conveniente da nova arte.

Os coleccionadores disputam e pagam hoje avultadas somas pelas muitas e valiosas estampas saídas desta litografia, pois a sua raridade e grande beleza estão acima da vulgaridade.

Em 6 de Dezembro de 1836 — regulamentado depois pelo decreto de 9 de Setembro de 1837 — a «Officina Regia» deixa de ser um estabelecimento autónomo e passa a denominar-se «Officina Nacional Lithographica» acabando aqui a direcção de Le Cocq e ficando subordinada à administração directa da Academia de Belas Artes

de Lisboa a qual, todos os anos, deveria eleger uma comissão administrativa composta de três membros para dirigir a referida oficina.

Além desta, outras foram aparecendo como a da Academia Real das Sciências de Lisboa, que era privativa, e foi criada pouco depois da introdução da litografia em Portugal, extinta possìvelmente em 1836. Em 1829 já existia a «Lithographia Santos», ou «Lithographia Nacional de Santos», como também era conhecida e se intitulava, tendo estado instalada no Largo do Conde-Barão, 21, em Lisboa. Desta oficina, além de outros, conheço um bom retrato de José Agostinho de Macedo e que acompanha a colecção de *O Dezengano*, (1830), e um outro, de Machado de Castro, desenhado por Caggiani, ambos perfeitos de execução.

Mais tarde aparece-nos a «Lithographia de Manuel Luiz» ou «Lithographia de Manuel Luiz da Costa», situada na Rua Nova dos Mártires, n.os 12 e 14. Atingiu esta casa um largo desenvolvimento e grande prestígio devido à excelência dos seus trabalhos e à competência dos artistas que nela empregavam o melhor dos seus conhecimentos. Aqui exerceram a sua actividade Legrand, Fonseca, Barreto, J. P. Monteiro, Sendim e o grande pintor animalista Tomás da Anunciação.

Da «Lithographia de Manuel Luiz da Costa» possuímos uma interessantíssima estampa aí impressa, desenhada a lápis gordo por Legrand e datada de 1843. Reproduz, a dois tons — preto e tom amelado — o quadro «*O Parocho d'aldeia pedindo o folar*», original de Augusto Roquemont e que era pertença do Conde de Luckner, então Ministro da Dinamarca no nosso país.

Pela maneira correcta como esta litografia está trabalhada, pelos efeitos obtidos sòmente com as duas cores citadas, pelo vigor conseguido sem apresentar durezas, nós consideramos esta estampa como uma das melhores saídas daquelas oficinas.





DUQUE DA TERCEIRA
(1792-1860)
L. lith. — Lith. de Lopes Rua N. dos M.es 2 — Lisboa

Além de muitos outros trabalhos a merecer referência mencionamos ainda, desta casa, o belo retrato da Marquesa de Alorna — Condessa d'Oeynhausen — desenhado por Maurício José Sendim *Copia d' hum retrato feito em 1781*. Este retrato acompanhava as edições das obras de Alcipe.

Citaremos também o *Mosteiro de S.ta Cruz de Coimbra,* estampa hoje muito rara que *Lopes Junior dez. do vivo e lith.* e que vem reproduzida no *Boletim Bibliographico da Bibl. da Universidade de Coimbra* — Ano VIII, n.os 7 a 12. Apontamos igualmente os dois bons retratos de Garrett, um deles desenhado por Legrand a dois tons — preto e amelado — e publicado em *O Universo Illustrado e Pittoresco* (vol. II-1859 e, o outro, desenho de Pedro Augusto Guiglielmi — pintor, miniaturista e desenhador — que o executou para a 1.ª edição do *Frei Luiz de Souza,* em 1840. Na mesma artéria — Rua Nova dos Mártires — e também no mesmo número — 12 — diz Luís Pastor de Macedo, no 4.º vol. da sua útil e magnífica obra *Lisboa de lés-a-lés* (pág. 61) *que aqui existiu a litografia de Lopes & Bastos,* pelo que fàcilmente se deduz ter o Manuel Luís da Costa cedido as suas afamadas oficinas a esta nova firma possuidora já delas pelo menos em 1850, pois o ilustre olisipógrafo escreve que, nesta data, *o calígrafo António José Colffs Guimarães, compôs para uso dos alunos do «Colégio de Humanidades», instalado no antigo palácio dos Condes da Atalaia e Marqueses de Tancos, em Lisboa, umas «Regras para aprender a aparar penas»,* as quais foram aí estampadas.

A *Revista Peninsular,* no seu 1.º vol., (1856), publica os esplêndidos retratos de Garrett e Herculano, desenhados ambos por Fertig, impressos naquela «Lith. de Lopes & Bastos». Este Bastos era o escultor Vítor Bastos, autor do monumento a Luís de Camões, em Lisboa.

Na mesma rua, mas nos n.os 2 e 4, existiu uma outra oficina litográfica que esquinava para a Rua do Ferregial de Cima. Foi fundada em 1835 por Domingos Fran-

cisco Lopes, litógrafo da Casa Real, tendo ali trabalhado diversos artistas, um dos quais apelidado Ferreira. Desta litografia sairam vários retratos de bastante interesse, realizados a lápis por desenhadores que se assinavam sòmente pelas suas iniciais. Citamos alguns desses trabalhos que possuímos e que merecem citação: *Sua Magestade Imperial a Senhora Duqueza de Bragança — S. lith.; Manuel Roussado — S. lith.; D. Pedro IV, Rei de Portugal e Imperador do Brazil — S. lith.; Jacome Antonelli, 1.° Ministro de Pio IX — S. lith.; Duque da Terceira — L. lith.;* e *o Senhor Dom Miguel de Bragança. Nascido Infante de Portugal a 26 de Outubro de 1802. Fallecido exilado em Bronnbach, a 14 de Novembro de 1866 — S. lith.* Todos sem data mas, possìvelmente, feitos entre 1867 a 1870. Esta oficina, que durou muitos anos, existia ainda em 1874.

A facilidade de instalação, a constante procura de estampas e a necessidade de se conseguirem ilustrações a baixo preço levaram vários entusiastas do processo a montarem eles próprios as suas oficinas o que deu aso a uma expansão de tal modo rápida que a sua demasiada quantidade, para o meio acanhado lisboeta, deu como resultado, devido a esse excesso que, para se salvarem, iniciaram uma luta especulativa de preços, já de si baixos, contribuindo, com essa concorrência, para aumentar a vida precária dessas mesmas oficinas, razão porque, algumas, pouco tempo tiveram de existência.

De entre essas muitas citamos aqui as seguintes, todas de Lisboa:

Litografia de Valentim Pinto que nos deixou obra de fraca qualidade, e por isso, depressa esquecida.

A. S. Castro, no Largo da Trindade, n.° 9, e depois, na Travessa das Pedras Negras, n.° 1, de que era proprietário Augusto Severino de Castro.

J. J. Canongia, na Rua Nova do Almada, mais tarde



D. PEDRO IV.

Rei de Portugal, e Imperador do Brasil.

D. PEDRO IV
REI DE PORTUGAL E IMPERADOR DO BRAZIL
(1798-1834)
S. lith. — Lith. de Lopes. N. dos M.es 2 e 4 — Lx.a

transformada em Lence & Viúva Canongia, continuando também com as suas oficinas no mesmo local.

Valentim Zeigler, na Rua do Carmo, dirigida por Carlos José de Almeida Amaral.

Lithographia Francesa, na Calçada do Combro.

Lithographia do Largo do Quintella n.º 1 — n.º 1.º

vol. do *Universo Pittoresco,* na pág. 113 vem publicada uma estampa, impressa nesta oficina e desenhada por L., representando, a traço, a *Cidade de Coimbra* (1839-1840).

E outras haveria a referir, o que é de pasmar se tomarmos em consideração o que se passava nos outros países mais progressivos e de maiores possibilidades económicas e artísticas. Para prova de quanto aqui se afirma, passamos a transcrever parte do que, em 1839, vem impresso nos *«Annales de la Typographie»: «... vários litógrafos têm feito experiências mais ou menos felizes mas invariàvelmente abandonadas devido à impossibilidade notória de conseguirem qualquer coisa que vá além de simples curiosidade.»*

Portanto, em 1839 ainda existia em França e em alguns espíritos a dúvida quanto ao interesse e utilidade que esta arte tinha na altura.

Em Portugal, porém, essa incerteza não havia e começou-se logo a trabalhar com dedicação, eficiência e entusiasmo, vaticinando o futuro maravilhoso que a litografia viria a ter em todo o mundo culto.

Em finais de 1836 ou princípios de 1837, por diligência de José Liberato Freire de Carvalho, foi criada a oficina litográfica da Imprensa Nacional de Lisboa. Aquele administrador geral foi sugestionado por Joaquim dos Santos, mestre da secção de cartas de jogar desta Imprensa e que, sendo conhecedor do novo sistema de estampagem, via toda a conveniência na instalação de uma litografia naquele estabelecimento do Estado afim de modernizar a impressão das cartas que, naquela altura, eram realizadas xilogràficamente.

A primeira prensa conseguida foi improvisada de uma velha maquineta de burnir cartas, modificada pelo referido mestre que havia sido aconselhado pelo litógrafo Carlos José de Almeida Amaral o qual, como noutro local dizemos, era dirigente da litografia Valentim Zeigler.

Malograram-se, motivado pela inépcia do gráfico escolhido para impressor, os trabalhos iniciais ali executados, razão porque, em 12 de Julho de 1837 aquele cargo foi preenchido pelo citado Carlos José de Almeida Amaral.

Por decreto de 24 de Agosto de 1838 é concedida a reforma a José Liberato com metade do ordenado que auferia como administrador da Imprensa Nacional (700$00 anuais).

Por um outro decreto, saído nesse mesmo dia, é nomeado para o substituir, o bacharel em direito José Frederico Pereira Marecos, escolhido para esse cargo por indicação do seu antecessor.

O novo administrador, dinâmico, inteligente e com vontade de cumprir com acerto o lugar para que tinha sido nomeado, resolve empreender uma modificação profunda nas oficinas agora sob a sua responsabilidade.

Pela portaria de 16 de Maio de 1843 é autorizado a ausentar-se a França, Inglaterra e Bélgica afim de estudar os progressos das artes gráficas nesses países e comprar a maquinaria e material que entendesse necessários para transformar a Imprensa Nacional num estabelecimento modelar.

Parte de Lisboa no dia 9 de Julho desse mesmo ano e, em Paris, faz as suas mais importantes encomendas sob conselho técnico dos três sub-chefes da Imprensa Real de Paris — um da fundição de tipos, outro da tipografia e, o terceiro, da litografia.

Em 19 de Dezembro regressa a Lisboa com uma despesa global de 7.071$205 dispendida na compra de diversas máquinas, assim como de muitos artigos grá-

ficos. Para a secção que nos interessa, isto é, para a da litografia, comprou tintas, 1 tímpano graduado para impressão a cores, coiros e rolos, 22 pedras e ainda uma prensa.

José Frederico Pereira Marecos, com 42 anos apenas, morre em Lisboa a 27 de Setembro de 1844.

Pelo seu espírito empreendedor e progressivo bem mereceu do seu pessoal a última homenagem prestada e todos os gráficos da Imprensa Nacional o acompanharam até à derradeira morada, conduzindo à mão o seu ataúde desde a igreja de S. Mamede até ao cemitério entre perto de 200 tochas.

Logo no dia seguinte é nomeado para novo administrador o irmão do falecido; Firmo Augusto Pereira Marecos. Foi na sua administração que se instalou a iluminação a gás naquelas oficinas representando este benefício um alto melhoramento para os gráficos ali exercendo a sua actividade.

Em 1849 a Imprensa Nacional possuia, na sua secção litográfica, quatro prensas — quase todas alemãs que eram as preferidas ao tempo — e ali se empregavam quatro litógrafos.

Em 9 de Agosto de 1855 este administrador sai de Lisboa com a incumbência de visitar os melhores estabelecimentos gráficos de Paris, Bruxelas e Londres afim de tomar conhecimento dos progressos realizados nessas capitais no que dissesse respeito às artes gráficas. Em Paris, visita a Litografia Lemercier — considerada então como a mais progressiva da França — assim como as fábricas de tintas Lefranc, em Grenelle.

Em 1858 a Imprensa Nacional trabalhava com oito prensas, das quais seis tinham sido construídas no próprio estabelecimento e possuía, também então já, um grande número de pedras magníficas.

A 4 de Setembro de 1863, El-Rei D. Luís I visita pormenorizadamente a Imprensa, merecendo-lhe parti-

cular interesse a secção litográfica onde, no momento, estavam imprimindo um mapa de Angola gravado primorosamente pelo capitão Cabral Calheiros.

Em 1865, a oficina de litografia era dirigida por Carlos de Almeida Amaral e era contra-mestre A. J. de Bastos que tinha a seu cargo 28 empregados, incluindo os aprendizes.

Neste mesmo ano concorre à Exposição Internacional Portuguesa, realizada no Porto, com uma esplêndida colecção de mapas geográficos e plantas excelentemente impressas e que haviam sido executadas por J. A. Urban e A. Michellis; A. C. Barreto, J. F. de Moura Palha, J. J. dos Santos e José Maria Cabral Calheiros, gravadores em pedra; A. J. Bastos e João José de Carvalho, além de vários outros impressores.

Em 1867 comparece na Exposição de Paris; na de Viena de Áustria, em 1873 e, em 1876, na de Filadélfia, sempre conquistando os maiores louvores e distinções.

Firmo Augusto Marecos, a quem a Imprensa Nacional tanto ficou devendo, morre nos primeiros dias de 1878.

Logo, em 26 de Janeiro desse ano, é nomeado administrador o bacharel em medicina Venâncio Augusto Deslandes, descendente de João da Costa e de Miguel Deslandes, tipógrafos franceses vindos para Lisboa nos meados do séc. XVII.

Este administrador, de sensibilidade complexa e difícil, não foi porém o dirigente que o momento exigia pois o verdadeiro director foi, de facto, o contador Francisco Ângelo de Almeida Pereira e Sousa e este, sim, trouxe enorme vantagem para os serviços gráficos da Imprensa Nacional.

Em 1878 novamente concorre à Exposição Universal de Paris com trabalhos litográficos de bom plano e demonstrando evidente progresso sobre os anteriores.

Em 1879 vêmo-la na Exposição Portuguesa do Rio

de Janeiro e, em 1888 realiza-se, na Avenida da Liberdade, em Lisboa, e organizada pela Associação Industrial Portuguesa, uma Exposição Industrial Artística à qual a Imprensa Nacional concorre expondo nela, além dos tipográficos, os seus melhores trabalhos litográficos incluindo esplêndidos cromos que fizeram sensação pelo seu perfeito acabamento. Nesta exposição as *recompensas a cooperadores* foram entregues, entre outros, aos litógrafos: Eugénio Rodrigues, Alexandrino Ré, desenhador e cromista e Godofredo Cobelos de Andrade que, além de cromista, acumulava com o lugar de impressor.

Em 1889, comparece na Exposição de Paris expondo trabalhos litográficos, dirigidos e executados por: Mateus Olegário da Costa e Sousa, director; José Galaia, contra-mestre; Eugénio Rodrigues Ré, A. L. Nunes de Carvalho, J. F. Moura Palha, A. J. Launay, António José Saldanha Assunção, José Baptista Morando Franco, cromistas, desenhadores e gravadores; António José Simões, Godofredo Ernestino Cobelos de Andrade e José Carlos da Assunção Guerra, transportadores e impressores.

Em 1 de Julho de 1898 os litógrafos da Imprensa Nacional ganhavam os seguintes salários: 1 sub-director, 1$400 réis diários; 1 fiel de material, 900 réis; 1 alçador, 800 réis; dois desenhadores-cromistas, 1$000 réis cada; 2 desenhadores-gravadores, 950 réis cada; 1 aprendiz de desenhador, vencendo 120 a 400 réis nos dias úteis; 1 condutor-maquinista, 1$200 réis diários; 1 ajudante de condutor-maquinista, 1$000 réis; 2 marginadores, 800 réis cada; 2 marginadores-ajudantes, 700 réis cada; 1 aprendiz de marginador, com 120 a 400 réis nos dias úteis; 2 transportadores, 1$100 réis cada; 1 encarregado de granidores, 750 réis; 2 marginadores, 360 réis cada; 1 porteiro, 600 réis; 4 serventes, sendo 2 a 600 réis e 2 a 500 réis.

Em 1900, a Imprensa Nacional finda o século com a sua brilhante comparência na célebre Exposição Uni-

versal de Paris onde, mercê dos magníficos trabalhos que nela apresentou, alcança o maior prémio ali concedido às Artes Gráficas.

Paramos aqui com este breve apontamento do muito que haveria a dizer sobre este estabelecimento do Estado, porém, como nos propuzemos tratar sòmente dos primeiros tempos da litografia no nosso país, parece-nos dever cessar neste ponto a sua história, pois tememos já nos termos alongado demasiadamente no tempo, contrariando o que de início pensávamos fazer.

Para informes mais completos remetemos o leitor para a excelente monografia «A Imprensa Nacional de Lisboa — Subsídios para a sua história», de J. Victorino Ribeiro — Lisboa, 1912.

Depois de termos passado, ao de leve, pela história da litografia na Imprensa Nacional, continuemos a dar um vago panorama do seu progresso e expansão em Lisboa.

Retrocedendo a 1845 sabemos que veio para a capital, contratado pelo nosso governo, João Lewicki com o encargo de fundar uma escola de desenho, gravura e litografia na antiga Geodésica, hoje o considerado Instituto Geográfico e Cadastral.

Também, no actual Largo Rafael Bordalo Pinheiro, em Lisboa, existiu — isto cerca de 1860 — uma litografia da qual ignoramos o nome, assim como nada sabemos quanto ao seu proprietário.

Luís Pastor de Macedo (no 3.º vol. da sua já citada obra *Lisboa de lés-a-lés*, — pág. 204) diz que, na Rua Ivens, *em 1874, numas lojas estava estabelecida uma litografia Lemos, onde era mestre Miguel Veloso Rodrigues e a cuja protecção se acolheu um seu sobrinho, baptizado em Orense, Espanha, com o nome de José e que naquele ano de 1874, com 10 anos de idade,*

viera para Lisboa. O pequeno José foi depois o notável pintor Veloso Salgado. (Ver igualmente: *Notas sobre a vida e obra do pintor José Veloso Salgado,* por F. Varela Aldemira, pág. 5).

Na nossa colecção de autógrafos possuímos um postal que nos foi enviado por aquele pintor, em 20 de Maio de 1944, informando-nos de que *A Litografia Lemos ocupava na Rua Ivens, então Rua de S. Francisco, parte do rés-do-chão do prédio onde hoje estão os Armazéns Alcobia, existindo uma mercearia entre a litografia e a esquina.*

— O número de máquinas já não me recordo bem, mas parece-me que eram 3 prensas.

— A litografia também era dirigida por meu tio Miguel Veloso e pelo Snr. Lemos, que também trabalhavam e, além deles, havia um francez chamado Urbain, eu (desenhadores) e mais 3 homens (impressores) que trabalhavam com as máquinas.

— Dos ordenados e salários é que eu nada sabia sobre o caso.

Aquele Urbain seria o mesmo que vimos mencionado como gravador em pedra e que trabalhava, em 1865, na Imprensa Nacional?

Em *O Carmo e a Trindade,* de Gustavo de Matos Sequeira, tivemos conhecimento de que uma tal Joana Alide Maigne, certamente de nacionalidade francesa, e moradora na Rua da Trindade fora, em 1874, proprietária duma litografia. Não diz onde e nós ignoramo-lo.

No Largo da Palha, n.º 15, existia uma «Lithographia Palhares», tendo aqui trabalhado um tal Salema, desenhador. Esta oficina, mais tarde, mudou-se para novas instalações na Rua 1.º de Dezembro.

Também na Travessa de Santa Justa, n.º 1, em Lisboa, sabemos ter existido uma «Lithographia de W. Ureña» (este Ureña seria espanhol?). Ignoramos a data da fundação assim como a do encerramento. Tivemos conhecimento desta casa por intermédio dum velho rótulo para garrafa de conhaque datado de 1885 e que pertence à nossa colecção de velharias litográficas.

A actividade da litografia no Porto principia em 1833 e os seus primeiros trabalhos foram desenhados pelo pintor João Baptista Ribeiro, tendo este executado, como ensaio, um belo auto-retrato a traço e ponteado. Foi este artista favorecido por D. Pedro IV que visitava com frequência, interessando-se pelas suas obras litográficas, chegando mesmo ao ponto de oferecer-lhe uma prensa para que pudesse tirar provas convenientes. Mais tarde, este pintor pretendeu fundar naquela cidade uma «Regia Officina Lithographica do Porto» o que, não obstante todas as suas diligências, não conseguiu.

Em Outubro de 1833, Joaquim Rodrigues Braga executa — segundo garante Ferreira Lima — um retrato do Marquês de Palmela, nele se assinalando ter sido *Imprimé par Vincent l'Hopitalier.*

Todavia, em 1834, Joaquim Cardoso Vitória Vilanova, pintor e gravador, monta naquela cidade uma litografia e tenta tirar proveito da pedra de Ançã para utilizá-la no novo sistema gráfico mas, como o calcário dessa região é demasiadamente macio e esboroável, desiste em breve, obrigado pelos contínuos insucessos.

Em 1869, existiam na capital nortenha, 9 pequenas litografias segundo se lê nos *Apontamentos para a História da Cidade do Porto,* de J. M. P. Pinto — pág. 159.

O problema económico do abastecimento de pedras litográficas à indústria nos primeiros tempos desta arte em Portugal, foi um dos mais difíceis de resolver pelas inúmeras contingências que encerrava.

A pouca — ou nenhuma — facilidade na obtenção desse calcário, o seu peso excessivo, (algumas pesando 400 quilos!) o seu preço motivado pelo transporte de tão grande distância como estava a Baviera de Portugal, foram óbices que se deparam aos industriais e que eles procuraram dar-lhe solução tentando, com o apoio oficial, conseguir encontrar em Portugal pedras calcárias que pudessem ser utilizadas na sua indústria em substituição das alemãs as quais, pelas razões acima ditas, chegavam ao nosso país a um preço incomportável para o magro bolso da maioria dos nossos litógrafos ainda a braços com intrincados problemas inerentes a uma indústria em hesitante evolução.

Em Ançã (Coimbra) e no Calhariz da Arrábida (1849) descobriram-se umas pedreiras de calcário que serviam, embora fossem de fraca qualidade em relação às bávaras — especialmente as de Ançã. Devido à sua excessiva porosidade, dificilmente se conseguia um granido fino de modo a ser possível trabalhar uma meia-tinta com a suavidade exigida nos esbatidos. Para estes casos particulares, pela sua extrema delicadeza, nunca se deixou de utilizar as belas pedras de Solenhofen ou, mesmo, as — embora menos boas — de Chateauroux e do Perigueux, em França.

No Arquivo Histórico Militar e por oferta do Cor. Henrique de Campos Ferreira Lima existe um retrato de *Jozé Daniel Rodrigues da Costa* e que *P. Ant.^to L. Santos, do vivo retratou, lithographou, e estampou, em Pedra Portugueza* (1830?). Como se vê, o artista teve a preocupação de mencionar na sua litografia que a pedra era portuguesa talvez para justificar a fraca qualidade do seu trabalho.

Por sua vez, nos armazéns da Litografia de Portugal, onde ainda existe enorme quantidade de pedras excelentes e que se guardam com o carinho que se deve às velhas coisas, encontrámos uma delas que, num dos topos tem profundamente gravada a seguinte legenda:

Spécimen das primeiras pedras lithographicas portuguezas que Antonio Joaquim Dias Monteiro lithographo da Real Caza de Sua Magestade Fidelissima por pensamento seu, e continuas diligencias, conseguio achar.

Esta rara pedra do Calhariz da Arrábida, autenticada pelo dedicado achador tem, para nós, amigos da li-

tografia, um valor de relíquia e guardamo-la como preciosidade digna de museu.

Este António Joaquim Dias Monteiro foi um litógrafo que nasceu e morreu no séc. XIX. Foi cavaleiro de N.ª Sr.ª da Conceição de Vila Viçosa e escreveu um *Relatório sobre as pedras lithographicas do Calhariz da Arrábida, descobertas em VI-1849 pelo autor* — Lisboa, 1855.

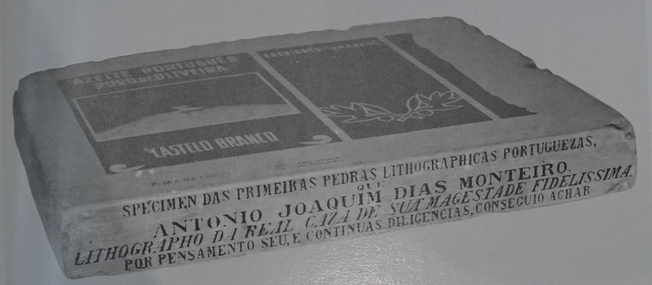
Entretanto, a litografia continuava a desenvolver-se, progredindo tanto em qualidade como em quantidade chegando, mesmo, a atingir notabilidade particularmente na segunda metade do séc. XIX, tendo saído das oficinas lisboetas algumas obras mestras da litografia portuguesa.

Ao atingirmos 1874 são já 20 as oficinas existentes na capital e alguns dos nossos maiores artistas não desdenharam trabalhar nesta arte tão aliciante. Dentre estes não podemos deixar de mencionar Tomás da Anunciação, Miguel Ângelo Lupi, Silva Porto, Rafael Bordalo Pinheiro e seu irmão Columbano — já o pai tinha desenhado em litografia e com distinção — Ramalho, Ribeiro Cristino, Luciano Freire, Soares dos Reis, Vítor Bastos, Veloso Salgado, Roque Gameiro, etc. E até o grande e infeliz Rei-Artista D. Carlos fez alguns trabalhos litográficos, especialmente marinhas, que firmou e datou.

¿E quantos, porventura, não estarão aqui esquecidos nesta modesta quão resumidíssima resenha de artistas que deram um pouco da sua arte em prol da descoberta de Senefelder?

Havia entre a boa sociedade de então (como hoje com a cerâmica, esse *tricot-de-ir-ao-forno,* na expressão pitoresca de Tom...) a moda de mandar ensinar litografia a seus filhos como prenda indispensável e complementar de boa e moderna educação que obrigava a breves conhecimentos de piano e a algum jeito para dizer as tristes e românticas poesias da época.

Mais tarde a mecanização e a técnica, mais apura-



PEDRA LITOGRÁFICA PORTUGUESA
DE CALCÁRIO DO CALHARIZ DA ARRÁBIDA
(1849)

Encontrada por António Joaquim Dias Monteiro
«Lithographo da Real Caza de Sua Magestade Fidelissima»
(Pertence aos arquivos da Litografia de Portugal)

das, iam tomando posse desta arte e então começaram a aparecer as máquinas planas, manuais de início, curiosíssimas como se poderá ver por este quadro que nos foi contado por um velho litógrafo em 1945 e hoje já falecido. Dizia ele: — Em 1870 e tantos (não se recordava bem da data precisa) existia na antiga Travessa das Pombas — hoje Travessa Sá da Bandeira — no Porto, uma litografia pertencente a um espanhol, natural de Bilbau, chamado Carlos Ruiz. Este santo homem, acumulava dentro da sua oficina as especialidades profissionais de desenhador, transportador e impressor. Com o auxílio de 3 ou 4 garotos imprimia envoltórios para cigarros, geralmente a uma só cor. Tinha esta casa uma arcáica prensazita oriunda não se sabe de onde e uma ensurdecedora máquina plana do formato 70 x 100, a qual, era movida pelo esforço hercúleo de dois pobres galegos que Carlos Ruiz contratava invariàvelmente todos os dias na esquina fronteira por dez tostões diários. Eram estes coadjuvados pelo moço privativo da casa, competindo a cada homem dar à manivela, fazendo rodar a máquina, durante a impressão de uma resma. Em seguida vinha um outro substituí-lo, enquanto o primeiro, arquejante, verdadeiramente exausto, descansava, e era assim sucessivamente até ao fim do dia que, naquele tempo, era até às 18 horas, com o começo às 7, exceptuando os aprendizes que entravam ás 6,30 e saíam só depois de terem deixado tanto as máquinas como o chão completamente limpos, trabalho este que, muitas vezes, só acabava lá para as 20 ou 21 horas; isto para ganharem ùnicamente 30 réis por dia e com os quais se sentiam muito satisfeitos!

O que valia aos pobres galegos era que, naquela época, ainda não se usavam secantes nas tintas e isso permitia-lhes um certo repouso pois, por vezes, tinham de esperar — e com que prazer! — que elas secassem para se poder imprimir, convenientemente, uma segunda cor

o que, infelizmente para eles, pouco era o trabalho a mais do que um tom.

Com o pitoresco desta imagem — isto já lá vai há perto de 100 anos — acabamos aqui esta pequena e despretenciosa «História da Litografia — Sua introdução e primeiros passos em Portugal» que o possível interesse, aliado à beneditina paciência dos nossos leitores e amadores de velharias gráficas, levará a ler até final.

Desde aquele curioso relato acima descrito, o que não tem a litografia progredido daí para cá?

Primeiro, Jean-Noel Monrocq (1819-1913) com a introdução do zinco que veio substituir o transporte em pedra, depois o rodar vertiginoso das rotativas numa multiplicação de tiragens imprevista ainda há poucas dezenas de anos atrás. É ver a perfeição inexcedível dos trabalhos fotolitográficos; é ver a impressão simultânea a 2, 4 e 6 cores; é ver a composição dos transportes mecânicos por repetidoras de acerto e fidelidade impecáveis; é ver a electrónica adaptada à fotografia, à selecção e ao retoque gráficos que transformou a litografia numa simbiose pura de Arte e Ciência de técnicas apuradas; é ver, enfim, este sistema nascido há pouco mais de um século e meio, acompanhar o progresso e a civilização, cooperar com o comércio e a indústria na publicidade dos seus artigos, na embalagem dos seus produtos, nas ilustrações das suas revistas, alegrando as nossas cidades com a policromia gritante dos seus cartazes que são ainda hoje, apesar da Televisão e da Rádio, uma das vias mais poderosas, directas, comunicativas e de influência psicológica que a litografia pôs ao serviço da Indústria, do Comércio e da propaganda das nações e da política que os utiliza procurando, por seu intermédio, aumentar a venda dos seus produtos, conseguir a harmonia entre todos os povos e a vitória dos seus chefes.

A LITOGRAFIA DE PORTUGAL E OS SEUS 75 ANOS DE VIDA

1893 • 1968

Á três quartos de século — isto é, precisamente, por escritura de 27 de Março de 1893 — um grupo de conhecidos comerciantes e industriais de Lisboa, depois de muitas reuniões e ponderadas todas as dificuldades, resolveu meter ombros a um empreendimento de invulgar audácia, na vida rotineira da época, e fundar na sua cidade uma empresa gráfica de vastas proporções, para o tempo. Não foi difícil escolher-lhe um nome bem adequado e, assim, nasceu a firma Litografia de Portugal. Instalaram-na em pleno Bairro Alto, na Rua da Rosa, no mesmo local onde, nos n.os 309 a 315, ainda hoje, muito remodelada e grandemente ampliada, se encontra.

O meio litográfico de então, limitado a três ou quatro oficinas da especialidade, vivendo uma vida difícil, sem o estímulo benéfico de uma concorrência honesta, construtiva e progressiva, subordinado, ainda, à rotina a que era obrigado por um mercado restrito, tímido e sem aspirações viu-se, de repente, sacudido e arejado pela criação, desde os alicerces, de uma oficina que, devido ao dinamismo e juventude dos seus fundadores e dirigentes assim como, também, pelos elementos técnicos de que se souberam rodear, ràpidamente ascendeu à primeira plana ultrapassando todas as oficinas litográficas portuguesas do seu tempo.

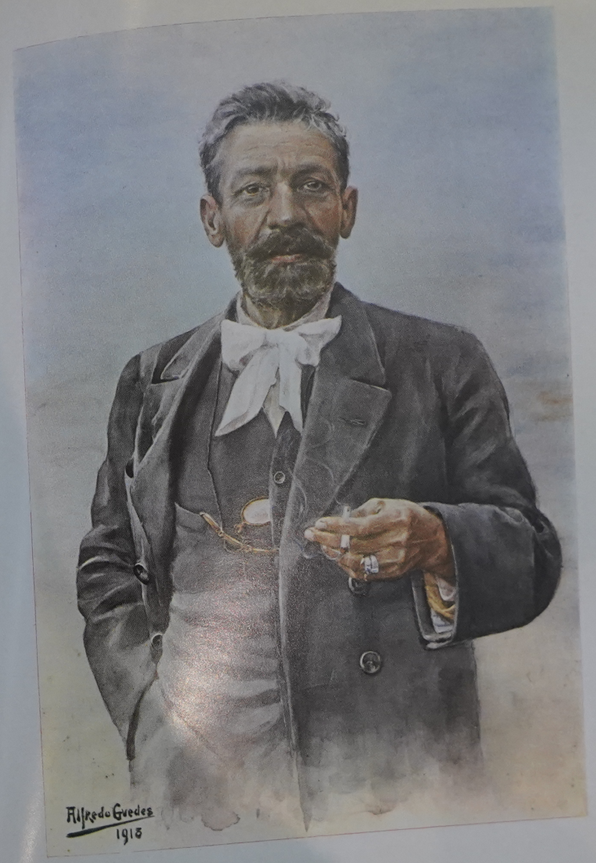
Não queremos deixar de aqui mencionar como justo dever de gratidão, alguns dos homens que lutaram contra a maré excessivamente conservadora da época, esses

fundadores e dirigentes que, com todo o nosso respeito, aqui são lembrados como merecem. Foram eles o jurista Jacinto José Pinho da Silva — seu 1.º Administrador e bisavô do actual. — Rogério Vargas Moniz, Alfredo Guedes — grande aguarelista e gerente técnico da empresa — e José Rufino Peres que foi, durante mais de 40 anos, Administrador desta casa e pai do que actualmente exerce, com elevado mérito, essas mesmas funções.

Nesse tempo, alguns dos mais consagrados artistas plásticos, como os Bordalos, Roque Gameiro, Manuel de Macedo, Casanova, Veloso Salgado, Alfredo Guedes, etc. dedicaram-se entusiàsticamente à litografia, utilizando-a como meio de expansão mais indicado para tornar conhecidas do grande público as suas melhores obras.

Foi devido a essa difusão que a Litografia — cuja utilidade foi reconhecida, conforme foi dito na nossa «História da Litografia», em sessão das Cortes de 7 de Maio de 1822 onde se proclamou quanto seria de *grande proveito e glória para a Nação de naturalizar, no Reino, a Arte da Litografia* — tendo sido trazida de França e iniciada por Domingos de Sequeira, viveu um dos seus mais brilhantes períodos, precisamente aquele em que a célebre — e extinta há muitos anos — Editora de David Corazzi, ali ao Conde-Barão, e a Litografia de Portugal, foram os seus mais altos expoentes, pondo ao serviço, não só do livro e da revista como ao da embalagem e da publicidade, os seus enormes recursos técnicos e artísticos, pois estas duas importantes empresas vieram revolucionar o meio gráfico daquela época e foram como que as molas propulsoras do extraordinário progresso hoje alcançado pela Litografia elevando-a à posição cimeira e insubstituível que conquistou.

Em 27 de Julho de 1907 a Litografia de Portugal, para resolver dificuldades de apetrechamento, sempre



ALFREDO GUEDES
Primeiro gerente técnico
da LITOGRAFIA DE PORTUGAL
Auto-retrato do grande aguarelista
executado pouco antes da sua morte, em 1918

difíceis ao tempo, adquire por 3.000$000 réis, a João Francisco do Livro, as oficinas da «Lithographia Universal», situada no Largo do Carmo, 16 e 17 — tinha sido fundada em 7 de Julho de 1898 — englobando na compra toda a maquinaria, pedras, utensílios e matérias primas assim como a própria firma de que nunca chegou a utilizar-se.

Em 1908 envia os seus melhores trabalhos à Exposição Comemorativa do 1.º Centenário da Abertura dos Portos do Brasil ao Comércio Internacional, realizada no Rio de Janeiro. Mercê da alta qualidade dessas reproduções o júri confere-lhe o Grande Prémio referente às Artes Gráficas.

Em 1911, aproximadamente, a Litografia de Portugal esteve para sair da Rua da Rosa e estabelecer-se em plena Avenida da Liberdade, num terreno que comprara e que esquinava para a Rua Rodrigues Sampaio. Antes da sua aquisição achava-se, aqui, instalada uma das fábricas da luz eléctrica de Lisboa, pertencente à Companhia do Gás e Electricidade. Hoje, aquela área está ocupada pelo grande imóvel onde, em parte, se encontrava, até há pouco, o «stand» da General Motors.

Esta idéia, porém, não chegou a efectivar-se por dificuldades de construção, deslocação e montagem das oficinas litográficas.

Num desejo constante de acompanhar o desenvolvimento que contìnuamente se fazia notar no estrangeiro, nomeadamente na Alemanha — onde Gameiro foi especializar-se e colher vasta experiência para a realização da monumental edição «As Pupilas do Sr. Reitor», de Júlio Diniz e que a Editora imprimiu — não quizeram os dirigentes da Litografia de Portugal deixar de, cuidadosamente, tomar conhecimento desse progresso e, sempre que possível, utilizá-lo com inteligência adaptando-o, sem exageros, ao meio reduzido a que se destinava.

Assim, partindo da antiga reprodução trabalhada em pedra polida, ou granida, onde os artistas faziam verdadeiros prodígios de perfeição cromática e pureza de meias-tintas — e aqui estiveram empregados alguns dos maiores cromistas daquele tempo — e da sua impressão em máquinas planas e directas, hoje postas definitivamente de parte por obsoletas, transitou-se, em 16 de Agosto de 1912, para a reprodução indirecta — offset — adquirindo, por iniciativa de Rogério Vargas Moniz e José Rufino Peres, a sua primeira rotativa monocolor (uma *George Mann* no formato de 60 x 90) que causou grande admiração entre os litógrafos da época por ter sido esta a primeira vinda para o nosso país e que multiplicava, por alguns milhares, as reduzidas tiragens a que estavam habituados.

Em 1913 concorre à Exposição Nacional das Artes Gráficas, realizada em Lisboa com grande brilhantismo. Apresenta vários trabalhos de elevado nível, entre os quais um que ficou célebre: o cartaz de publicidade ao Óleo de Fígado de Bacalhau, original do grande pintor Constantino Fernandes. Nesta exposição a Litografia de Portugal conquistou o Prémio de Honra (único concedido) e ainda a Medalha de Ouro atribuída àquele cartaz que foi considerado pelo júri como o melhor trabalho litográfico ali exposto.

Aqui trabalharam, embora não estivessem nela empregados, artistas como Casanova, (grande aguarelista espanhol, litógrafo e professor dos príncipes reais), Constantino Fernandes, Gameiro e Alfredo de Morais. Todos eles, com a sua arte, muito contribuiram para a projecção ràpidamente conquistada pela Litografia de Portugal.

Nessa data aproximada — 1912 — instala uma secção impressora sobre folha-de-flandres estendendo, deste modo, a sua acção progressiva por mais um ramo que,

anteriormente, era privativo de algumas raras oficinas dedicadas exclusivamente a esta especialidade. Ficou sendo, portanto, a única no nosso país que tinha, nas suas instalações, ambos os processos de impressão.

A Litografia de Portugal lutando sempre por ampliar o volume da sua produção sem descurar a qualidade afim de satisfazer o gosto apurado e cada vez mais exigente duma nova clientela que, pouco a pouco mas persistentemente, se cultivava, entendeu ser sua obrigação ultrapassar o que até essa altura tinha conseguido e organizar-se, remodelar-se e apetrechar-se de modo a poder, objectivamente, transpor uma época que se ia tornando anacrónica em comparação com o avanço alcançado no estrangeiro e que nos relegava a uma situação de plano inferior.

Urgia caminhar para a frente, lutar contra o espírito retrógrado e contra a mediocridade do pacato meio ambiente e isso não era fácil, se atentarmos em que se vivia numa época de fraca instrução e nível de vida precário. Desconfiado por natureza e receoso pelo seu futuro o operário português julgava que a adaptação ao nosso meio das mais recentes técnicas e a importação de novas e modernas máquinas postas ao serviço do Homem traria consigo, irremediàvelmente, a substituição deste por aquelas e, daí, o fatal e consequente desemprego.

Com teimosia, inteligência e preocupação de acompanhar a par e passo o progresso, conseguiu-se, apesar de tudo, entrar no que consideramos a ser a segunda época das Artes Gráficas a qual, embora menos directamente ligada ao esforço independente do artista, sacrificou, em parte, a sua sensível personalidade muitas vezes desconcertante, por extrema subjectividade, mas que deu como brilhante resultado transformar esta Arte num dos meios de maior divulgação do saber humano e do estreitamento das relações entre todos os povos.

Para tentar resolver os problemas derivados desse atrazo tão patente em relação aos outros países, o actual Administrador da Empresa resolveu estagiar no estrangeiro aprendendo os mais recentes e evoluídos processos gráficos, contactando com mestres e tomando conhecimentos técnicos que aqui seriam impossíveis de conseguir.

Os estudos de fotografia, selecção, — recorde-se que esta empresa foi a iniciadora, em Portugal, do moderno sistema de máscaras que veio facilitar grandemente as dificuldades de retoque — transportagem e gravação em chapas de zinco, alumínio, polimetálicas — estas últimas aqui utilizadas pela primeira vez no nosso país — pré-sensibilizadas ou não, foram minuciosamente analizados e postos em prática na Litografia de Portugal de modo a poder satisfazer os seus clientes da maneira mais rápida e perfeita.

Rodeado por colaboradores dedicados e sabedores conseguiu elevar esta casa, mercê de trabalho árduo mas profícuo, a uma categoria de excepção, podendo hoje orgulhar-se de possuir uma das melhores e mais progressivas unidades gráficas do país.

Aproveitando as facilidades de trabalho concedidas aos artistas plásticos, vários foram os que se aproveitaram de tal permissão tendo por aqui passado, além de outros, os saudosos Bernardo Marques, Hansi Stäel, José Júlio, assim como Jorge Barradas e Milly Possoz, estes dois últimos, felizmente, ainda vivos.

A Litografia de Portugal, a par de impressões correntes de publicidade que lhe grangearam justo renome, também se tem distinguido em trabalhos cartográficos, para o que instalou e organizou uma secção própria com todos os cuidados devidos a esta difícil especialidade e dirigida por técnicos competentes. Aqui tem sido executado para o Estado e particulares, toda a espécie de mapas gravados pelos mais modernos processos conseguindo-se, devido a este esmero, uma perfeição e acabamento que, sem favor, os poderemos colocar em pé de igualdade, e até de confronto, com os melhores realizados no estrangeiro.

Aliada a essas múltiplas facetas das suas actividades gráficas tem produzido algumas das maiores obras que, honrando-a sobremaneira, honra igualmente as Artes Gráficas e, por reflexo, o próprio país pela projecção internacional que esses trabalhos têm tido. Bastaria citar a belíssima e rara colecção de plantas antigas da Capital para o álbum de Vieira da Silva e as estampas a cores de *Lisboa — Oito Séculos de História* que a Câmara Municipal editou em comemoração dos 800 anos da Lisboa cristã. Não queremos deixar ainda de mencionar a publicação de diversas gravuras em grande formato, reproduzindo factos históricos e vistas da Capital em várias épocas, valiosa série que a mesma Câmara editou. Também merecem saliência pelo seu muito valor as extraordinárias e monumentais *Portvgaliae Monvmenta Cartographica* e *Tabvlarvm Geographicarvm Lvsitanorvm,* edições do Estado, assim como o *Armorial do Ultramar Português,* edição fora do comum e extremamente cuidada da Agência Geral do Ultramar. Publicações de grande luxo e dignidade aqui têm sido impressas e destas, para não nos alongarmos, mencionaremos em especial a obra de Silva Tavares *O Livro do nosso Amor,* com todas as quadras ilustradas a cores pelos melhores artistas contemporâneos; *Penteados de Angola,* de Dante Vacchi; *Nazaré,* de D. Thomaz de Mello (Tom); Album *Malhôa,* de António Montês e *Velha Lisboa,* com 50 desenhos a lápis, do autor destas linhas e texto de Ferreira de Andrade.

Não pára aqui, porém, a ânsia de progresso desta velha mas sempre jovem Empresa que tentará, persistentemente, aperfeiçoar-se, justificando deste modo a fama honestamente alcançada em 75 anos de trabalho sério, postos ao serviço dos seus Amigos e dos seus Clientes, assim como ao das Artes Gráficas nacionais.

CARLOS Moreira da Silva Peres, *the right man in the right place,* encontra-se hoje à frente dos destinos desta Casa e ninguém, melhor do que ele poderá, não só como Administrador mas também como técnico sabedor, desenvolvê-la e elevá-la ainda mais no conceito em que, justamente, é tida, adquirindo nova e cada vez mais perfeita e eficiente maquinaria, ampliando as suas instalações que se tornam dia a dia mais exíguas — neste momento, para tentar remediar esse problema vital de espaço, constroi-se um 3.º pavimento conseguindo-se, assim, mais algumas centenas de m² de área preciosa — e ainda enviando aos países que tal justifiquem, os seus melhores colaboradores afim de que tomem contacto com as mais recentes inovações técnicas nas artes gráficas, adaptando-as depois ao nosso meio e aplicando-as de molde a tirar delas todo o proveito tanto em rendimento como em qualidade de trabalho, condição esta primordial para qualquer empresa que queira vencer a cada vez mais difícil concorrência.

Todos aqueles que nestas oficinas trabalham estão confiantes na direcção que o seu actual Administrador lhe imprime, assim como ele próprio o poderá estar, quanto à dedicação e ao amor que os seus colaboradores têm pela Litografia de Portugal.



Este livro acabou de se imprimir
aos 27 dias do mês de Março de 1968
nas oficinas da Litografia de Portugal,
comemorando o LXXV aniversário
da sua fundação

ENCADERNAÇÃO
REGISTO
Nº 1052/97

